

{k0} - Apostando no KTO

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Bill Viola: Um Artista Que Descobriu o Poder da Vídeo Arte

Em 1957, numa férias {k0} família, Bill Viola caiu {k0} um lago. Ele tinha seis anos. Sessenta anos depois, Viola, que morreu aos 73 anos, lembrou do evento. "Eu não segurei o meu ponto de flutuação quando entrei na água e fui diretamente para o fundo", disse. "Experimentei a sensação de flutuação e um sentido visual profundo que nunca esqueci. Foi como um sonho e azul e claro, e pensei que estava no céu, pois era a coisa mais bonita que eu já havia visto." E então... "meu tio me puxou para fora."

Parecia um começo promissor para uma carreira artística. No entanto, {k0} 1977, Viola começou uma série de cinco obras intitulada The Reflecting Pool. Quatro anos após se formar na universidade, este foi o primeiro trabalho multipartes de seu autor, cujos filmes o ocuparam por três anos. No filme título, um homem sem camisa - Viola - sai de um bosque, caminha {k0} direção a um lago, finge pular e congela no ar. A piscina registra {k0} entrada, não obstante, seu surface se agita como se perturbada; o homem voador desvanece-se lentamente; e, após sete minutos longos, Viola emerge, molhado, do lago e caminha de volta ao bosque. The Reflecting Pool foi influenciado pelo nearly-naufrágio de seu eu de seis anos. Também foi clássico Viola, com suas características mais notáveis - lentidão, água, um sentido espiritual sagrado - recorrendo {k0} seu trabalho dos próximos meio século.

Foi o brilho subaquático azul da tela de uma câmera de {sp} Sony Portapak, doada à {k0} escola no Flushing, Nova York, que primeiro atraiu Viola para a mídia. Ele cresceu no subúrbio de classe média baixa vizinho de Queens. Não era, lembrou Viola, uma casa culta, mas {k0} mãe, Wynne (nascida Lee) "tinha alguma habilidade e me ensinou um pouco a desenhar, então, quando eu tinha três anos, eu podia fazer barcos motorizados bastante bons". Um ano antes de {k0} quase morte por afogamento, um desenho à mão de um tornado ganhou elogios públicos de {k0} professora. Foi então, disse Viola, que ele decidiu ser um artista.

Seu pai, um gerente de serviço da Pan Am transformado {k0} atendente de bordo, tinha outros planos. Temendo que uma educação artística deixasse seu filho desempregado, Viola sênior insistiu que ele estudasse para um diploma de artes liberais na Syracuse, uma universidade respeitada {k0} Nova York. "E, ao dizer isso", admitiu Viola, "ele me salvou."

Com sorte, a Syracuse, {k0} 1970, estava entre as primeiras universidades a promover a experimentação {k0} novos meios de comunicação. Um colega havia montado um estúdio onde os projetos poderiam ser feitos usando uma câmera de {sp}. Inscrevendo-se nele, Viola foi convertido instantaneamente: "Algo {k0} meu cérebro disse que faria isso toda a minha vida", lembrou. Ele passou o verão seguinte acertando o sistema de cabo de televisão da universidade, assumindo um emprego como zelador {k0} seu centro de tecnologia para que pudesse passar as noites dominando o novo sistema de {sp} a cores.

Em 1972, ele criou {k0} primeira obra de arte, Tape I, um estudo de {k0} própria reflexão {k0} um espelho. Isto, também, seria marca registrada Viola, fascinado pela capacidade simultânea da {sp} de ver e ser visto, mas também por {k0} própria imagem. O I no título da obra não era um número romano, mas um pronome pessoal.

Tape I e trabalhos como este foram o suficiente para chamar a atenção de Maria Gloria Biccocchi, cujo estúdio pioneiro {k0} Florença, ART/TAPES/22, fazia {sp}s para artistas do Arte Povera. Quando Viola assumiu um emprego lá {k0} 1974, ele se encontrou trabalhando ao lado de gigantes como Mario Merz e Jannis Kounellis. Em 1977, {k0} reputação no pequeno, mas crescente mundo da arte da {sp} o levou a ser convidado a mostrar seu trabalho na La Trobe University {k0} Melbourne, {k0} aceitação incentivada pela oferta de voos grátis da Pan Am de

seu pai.

A convite veio de La Trobe's diretor de cultura, Kira Perov. O seguinte ano, Perov mudou-se para Nova York para estar com Viola, e eles se casaram {k0} 1978. Eles permaneceram na casa {k0} Long Beach, Califórnia, que se mudaram há três anos, pelo resto de suas vidas casadas. Em 1980-81, o casal passou 18 meses no Japão, Viola trabalhando simultaneamente como o primeiro artista-em-residência nos laboratórios Atsugi da Sony Corporation e estudando Zen Budismo.

Esta fusão do sagrado e profano tecnologicamente profano marcou o trabalho de Viola nas quatro décadas seguintes. Viola listou "tradições espirituais orientais e ocidentais, incluindo Zen Budismo, Islã Sufismo e Cristianismo místico" como influências {k0} {k0} arte, embora o último deles fosse o mais aparente. Na universidade, ele disse, ele "odiava" os mestres antigos, e a proximidade dos maiores deles {k0} Florença não mudou essa visão. Foi apenas com a morte de {k0} mãe {k0} 1991 que ele começou a sentir o peso da história da arte ocidental e a reconhecer {k0} seu próprio trabalho.

Depois de lutar com um bloqueio criativo desde os anos 80, ele encontrou que o luto de {k0} mãe o libertou. Filmou primeiro a mulher morrendo e então o seu corpo {k0} um caixão aberto. Este pé-de-filme seria usado {k0} uma obra de 54 minutos intitulada The Passing, e então novamente no ano seguinte no Triptych de Nantes, suas três telas mostrando simultaneamente uma mulher dando à luz, Viola's morrendo mãe e, entre eles, um homem submerso {k0} um tanque de água.

O primeiro dos dois filhos de Viola e Perov havia nascido {k0} 1988. Triptych de Nantes foi, ou parecia ser, uma meditação sobre o nascimento, a morte e a renascimento através do batismo. Se o assunto era tradicional, a forma de Viola também o era. Suas referências aos mestres antigos se tornariam mais diretas ainda. Em 1995, Viola foi escolhido para representar os EUA na Bienal de Veneza. Uma parte do trabalho que ele mostrou no pavilhão americano, Buried Secrets, tirou abertamente de uma pintura de Jacopo da Pontormo da visitaçao da Virgem Maria à {k0} prima idosa, Elizabeth.

Não é surpreendente {k0} nossos tempos seculares, o assunto de Viola não foi universalmente popular. O mundo da arte estava particularmente dividido. Quando seus {sp}s foram exibidos entre a coleção permanente do National Gallery {k0} Londres {k0} uma exposição intitulada The Passions {k0} 2003, um crítico indignado o rotulou de "mestre do barulho exagerado, arte de grande orçamento, hocus-pocus de multidão, lágrimas e religiosidade".

A associação {k0} 2024 de seu trabalho com desenhos de Michelangelo da Royal Collection no Royal Academy despertou o comentário afiado do crítico do Guardian de que "a arte de Viola é tão do seu tempo que está morta na água".

Predictavelmente, ele foi mais popular com o público {k0} geral, uma pesquisa {k0} uma retrospectiva de Viola no Grand Palais {k0} Paris mostrando que os visitantes passaram uma média de duas horas e meia na exposição. Homens de igreja, também, foram conquistados por seu trabalho, particularmente aqueles da Igreja da Inglaterra. Em 1996, o artista foi convidado a fazer uma peça de {sp}, The Messenger, para a Catedral de Durham. Em 2014, a primeira parte de uma comissão de duas partes intitulada Martyrs e Mary foi instalada na Catedral de São Paulo, a segunda se juntando a ela dois anos depois. O projeto, graças aos conflitos eclesiásticos, levou uma década para ser concluído. "A igreja funciona de uma maneira um pouco lenta", observou Viola, com calma.

Esta calma e a religiosidade de seus temas podem ter levado os críticos a subestimar a rigidez de seu trabalho. Goste ou não de seu arte, ele era um mestre dele. Sua apreciação da promessa - e da ameaça - da tecnologia era profunda. Viola se desgostava da primitividade da {sp} antiga, vendo cada desenvolvimento na mídia como uma oportunidade a ser agarrada. Os retratos de close-up da série Passions, por exemplo, faziam uso da tecnologia de tela plana quase como ela foi inventada.

Por outro lado, a natureza binária do mundo moderno o incomodava. "A era dos computadores é uma época muito perigosa porque eles trabalham com 'sim' ou 'não', '1' ou '0'", se lamentou Viola. "Não há talvez, talvez ou ambos. E acho que isso está afetando nossa consciência." A

disseminação da {sp} como forma de arte não foi como a propagação da pintura a óleo pelos irmãos Van Eyck 500 anos antes, disse Viola, a {sp} tendo aparecido {k0} todos os lugares e ao mesmo tempo. Fiel a essas crenças, Viola não via contradição {k0} tratar assuntos renascentistas e um sistema de crença renascentista com as últimas invenções da Sony.

"As duas estão realmente muito próximas", disse. "Eu vejo a era digital como a junção do material e o espiritual {k0} um todo ainda por ser determinado."

Em 2012, Viola foi diagnosticado com doença de Alzheimer precoce. Seu trabalho depois disso foi cada vez mais feito com a ajuda de Perov, um fato que lhe deu uma nova poesia aos temas de memória e perda que frequentemente corriam por ele.

Viola é sobrevivido por {k0} esposa e seus filhos, Blake e Andrei, e por seus irmãos, Andrea e Robert.

Partilha de casos

Bill Viola: Um Artista Que Descobriu o Poder da Vídeo Arte

Em 1957, numa férias {k0} família, Bill Viola caiu {k0} um lago. Ele tinha seis anos. Sessenta anos depois, Viola, que morreu aos 73 anos, lembrou do evento. "Eu não segurei o meu ponto de flutuação quando entrei na água e fui diretamente para o fundo", disse. "Experimentei a sensação de flutuação e um sentido visual profundo que nunca esqueci. Foi como um sonho e azul e claro, e pensei que estava no céu, pois era a coisa mais bonita que eu já havia visto." E então... "meu tio me puxou para fora."

Parecia um começo promissor para uma carreira artística. No entanto, {k0} 1977, Viola começou uma série de cinco obras intitulada The Reflecting Pool. Quatro anos após se formar na universidade, este foi o primeiro trabalho multipartes de seu autor, cujos filmes o ocuparam por três anos. No filme título, um homem sem camisa - Viola - sai de um bosque, caminha {k0} direção a um lago, finge pular e congela no ar. A piscina registra {k0} entrada, não obstante, seu surface se agita como se perturbada; o homem voador desvanece-se lentamente; e, após sete minutos longos, Viola emerge, molhado, do lago e caminha de volta ao bosque. The Reflecting Pool foi influenciado pelo nearly-naufrágio de seu eu de seis anos. Também foi clássico Viola, com suas características mais notáveis - lentidão, água, um sentido espiritual sagrado - recorrendo {k0} seu trabalho dos próximos meio século.

Foi o brilho subaquático azul da tela de uma câmera de {sp} Sony Portapak, doada à {k0} escola no Flushing, Nova York, que primeiro atraiu Viola para a mídia. Ele cresceu no subúrbio de classe média baixa vizinho de Queens. Não era, lembrou Viola, uma casa culta, mas {k0} mãe, Wynne (nascida Lee) "tinha alguma habilidade e me ensinou um pouco a desenhar, então, quando eu tinha três anos, eu podia fazer barcos motorizados bastante bons". Um ano antes de {k0} quase morte por afogamento, um desenho à mão de um tornado ganhou elogios públicos de {k0} professora. Foi então, disse Viola, que ele decidiu ser um artista.

Seu pai, um gerente de serviço da Pan Am transformado {k0} atendente de bordo, tinha outros planos. Temendo que uma educação artística deixasse seu filho desempregado, Viola sênior insistiu que ele estudasse para um diploma de artes liberais na Syracuse, uma universidade respeitada {k0} Nova York. "E, ao dizer isso", admitiu Viola, "ele me salvou."

Com sorte, a Syracuse, {k0} 1970, estava entre as primeiras universidades a promover a experimentação {k0} novos meios de comunicação. Um colega havia montado um estúdio onde os projetos poderiam ser feitos usando uma câmera de {sp}. Inscrevendo-se nele, Viola foi convertido instantaneamente: "Algo {k0} meu cérebro disse que faria isso toda a minha vida", lembrou. Ele passou o verão seguinte acertando o sistema de cabo de televisão da universidade, assumindo um emprego como zelador {k0} seu centro de tecnologia para que pudesse passar as noites dominando o novo sistema de {sp} a cores.

Em 1972, ele criou {k0} primeira obra de arte, Tape I, um estudo de {k0} própria reflexão {k0} um

espelho. Isto, também, seria marca registrada Viola, fascinado pela capacidade simultânea da {sp} de ver e ser visto, mas também por {k0} própria imagem. O I no título da obra não era um número romano, mas um pronome pessoal.

Tape I e trabalhos como este foram o suficiente para chamar a atenção de Maria Gloria Bicocchi, cujo estúdio pioneiro {k0} Florença, ART/TAPES/22, fazia {sp}s para artistas do Arte Povera. Quando Viola assumiu um emprego lá {k0} 1974, ele se encontrou trabalhando ao lado de gigantes como Mario Merz e Jannis Kounellis. Em 1977, {k0} reputação no pequeno, mas crescente mundo da arte da {sp} o levou a ser convidado a mostrar seu trabalho na La Trobe University {k0} Melbourne, {k0} aceitação incentivada pela oferta de voos grátis da Pan Am de seu pai.

A convite veio de La Trobe's diretor de cultura, Kira Perov. O seguinte ano, Perov mudou-se para Nova York para estar com Viola, e eles se casaram {k0} 1978. Eles permaneceram na casa {k0} Long Beach, Califórnia, que se mudaram há três anos, pelo resto de suas vidas casadas. Em 1980-81, o casal passou 18 meses no Japão, Viola trabalhando simultaneamente como o primeiro artista-em-residência nos laboratórios Atsugi da Sony Corporation e estudando Zen Budismo.

Esta fusão do sagrado e profano tecnologicamente profano marcou o trabalho de Viola nas quatro décadas seguintes. Viola listou "tradições espirituais orientais e ocidentais, incluindo Zen Budismo, Islâm Sufismo e Cristianismo místico" como influências {k0} {k0} arte, embora o último deles fosse o mais aparente. Na universidade, ele disse, ele "odiava" os mestres antigos, e a proximidade dos maiores deles {k0} Florença não mudou essa visão. Foi apenas com a morte de {k0} mãe {k0} 1991 que ele começou a sentir o peso da história da arte ocidental e a reconhecer {k0} seu próprio trabalho.

Depois de lutar com um bloqueio criativo desde os anos 80, ele encontrou que o luto de {k0} mãe o libertou. Filmou primeiro a mulher morrendo e então o seu corpo {k0} um caixão aberto. Este pé-de-filme seria usado {k0} uma obra de 54 minutos intitulada The Passing, e então novamente no ano seguinte no Triptych de Nantes, suas três telas mostrando simultaneamente uma mulher dando à luz, Viola's morrendo mãe e, entre eles, um homem submerso {k0} um tanque de água. O primeiro dos dois filhos de Viola e Perov havia nascido {k0} 1988. Triptych de Nantes foi, ou parecia ser, uma meditação sobre o nascimento, a morte e a renascimento através do batismo. Se o assunto era tradicional, a forma de Viola também o era. Suas referências aos mestres antigos se tornariam mais diretas ainda. Em 1995, Viola foi escolhido para representar os EUA na Bienal de Veneza. Uma parte do trabalho que ele mostrou no pavilhão americano, Buried Secrets, tirou abertamente de uma pintura de Jacopo da Pontormo da visita da Virgem Maria à {k0} prima idosa, Elizabeth.

Não é surpreendente {k0} nossos tempos seculares, o assunto de Viola não foi universalmente popular. O mundo da arte estava particularmente dividido. Quando seus {sp}s foram exibidos entre a coleção permanente do National Gallery {k0} Londres {k0} uma exposição intitulada The Passions {k0} 2003, um crítico indignado o rotulou de "mestre do barulho exagerado, arte de grande orçamento, hocus-pocus de multidão, lágrimas e religiosidade".

A associação {k0} 2024 de seu trabalho com desenhos de Michelangelo da Royal Collection no Royal Academy despertou o comentário afiado do crítico do Guardian de que "a arte de Viola é tão do seu tempo que está morta na água".

Predictavelmente, ele foi mais popular com o público {k0} geral, uma pesquisa {k0} uma retrospectiva de Viola no Grand Palais {k0} Paris mostrando que os visitantes passaram uma média de duas horas e meia na exposição. Homens de igreja, também, foram conquistados por seu trabalho, particularmente aqueles da Igreja da Inglaterra. Em 1996, o artista foi convidado a fazer uma peça de {sp}, The Messenger, para a Catedral de Durham. Em 2014, a primeira parte de uma comissão de dois partes intitulada Martyrs e Mary foi instalada na Catedral de São Paulo, a segunda se juntando a ela dois anos depois. O projeto, graças aos conflitos eclesiásticos, levou uma década para ser concluído. "A igreja funciona de uma maneira um pouco lenta", observou Viola, com calma.

Esta calma e a religiosidade de seus temas podem ter levado os críticos a subestimar a rigidez de seu trabalho. Goste ou não de seu arte, ele era um mestre dele. Sua apreciação da promessa - e da ameaça - da tecnologia era profunda. Viola se desgostava da primitividade da {sp} antiga, vendo cada desenvolvimento na mídia como uma oportunidade a ser agarrada. Os retratos de close-up da série Passions, por exemplo, faziam uso da tecnologia de tela plana quase como ela foi inventada.

Por outro lado, a natureza binária do mundo moderno o incomodava. "A era dos computadores é uma época muito perigosa porque eles trabalham com 'sim' ou 'não', '1' ou '0'", se lamentou Viola. "Não há talvez, talvez ou ambos. E acho que isso está afetando nossa consciência." A disseminação da {sp} como forma de arte não foi como a propagação da pintura a óleo pelos irmãos Van Eyck 500 anos antes, disse Viola, a {sp} tendo aparecido {k0} todos os lugares e ao mesmo tempo. Fiel a essas crenças, Viola não via contradição {k0} tratar assuntos renascentistas e um sistema de crença renascentista com as últimas invenções da Sony.

"As duas estão realmente muito próximas", disse. "Eu vejo a era digital como a junção do material e o espiritual {k0} um todo ainda por ser determinado."

Em 2012, Viola foi diagnosticado com doença de Alzheimer precoce. Seu trabalho depois disso foi cada vez mais feito com a ajuda de Perov, um fato que lhe deu uma nova poesia aos temas de memória e perda que frequentemente corriam por ele.

Viola é sobrevivido por {k0} esposa e seus filhos, Blake e Andrei, e por seus irmãos, Andrea e Robert.

Expanda pontos de conhecimento

Bill Viola: Um Artista Que Descobriu o Poder da Vídeo Arte

Em 1957, numa férias {k0} família, Bill Viola caiu {k0} um lago. Ele tinha seis anos. Sessenta anos depois, Viola, que morreu aos 73 anos, lembrou do evento. "Eu não segurei o meu ponto de flutuação quando entrei na água e fui diretamente para o fundo", disse. "Experimentei a sensação de flutuação e um sentido visual profundo que nunca esqueci. Foi como um sonho e azul e claro, e pensei que estava no céu, pois era a coisa mais bonita que eu já havia visto." E então... "meu tio me puxou para fora."

Parecia um começo promissor para uma carreira artística. No entanto, {k0} 1977, Viola começou uma série de cinco obras intitulada The Reflecting Pool. Quatro anos após se formar na universidade, este foi o primeiro trabalho multipartes de seu autor, cujos filmes o ocuparam por três anos. No filme título, um homem sem camisa - Viola - sai de um bosque, caminha {k0} direção a um lago, finge pular e congela no ar. A piscina registra {k0} entrada, não obstante, seu surface se agita como se perturbada; o homem voador desvanece-se lentamente; e, após sete minutos longos, Viola emerge, molhado, do lago e caminha de volta ao bosque. The Reflecting Pool foi influenciado pelo nearly-naufrágio de seu eu de seis anos. Também foi clássico Viola, com suas características mais notáveis - lentidão, água, um sentido espiritual sagrado - recorrendo {k0} seu trabalho dos próximos meio século.

Foi o brilho subaquático azul da tela de uma câmera de {sp} Sony Portapak, doada à {k0} escola no Flushing, Nova York, que primeiro atraiu Viola para a mídia. Ele cresceu no subúrbio de classe média baixa vizinho de Queens. Não era, lembrou Viola, uma casa culta, mas {k0} mãe, Wynne (nascida Lee) "tinha alguma habilidade e me ensinou um pouco a desenhar, então, quando eu tinha três anos, eu podia fazer barcos motorizados bastante bons". Um ano antes de {k0} quase morte por afogamento, um desenho à mão de um tornado ganhou elogios públicos de {k0} professora. Foi então, disse Viola, que ele decidiu ser um artista.

Seu pai, um gerente de serviço da Pan Am transformado {k0} atendente de bordo, tinha outros planos. Temendo que uma educação artística deixasse seu filho desempregado, Viola sênior insistiu que ele estudasse para um diploma de artes liberais na Syracuse, uma universidade

respeitada {k0} Nova York. "E, ao dizer isso", admitiu Viola, "ele me salvou."

Com sorte, a Syracuse, {k0} 1970, estava entre as primeiras universidades a promover a experimentação {k0} novos meios de comunicação. Um colega havia montado um estúdio onde os projetos poderiam ser feitos usando uma câmera de {sp}. Inscrevendo-se nele, Viola foi convertido instantaneamente: "Algo {k0} meu cérebro disse que faria isso toda a minha vida", lembrou. Ele passou o verão seguinte acertando o sistema de cabo de televisão da universidade, assumindo um emprego como zelador {k0} seu centro de tecnologia para que pudesse passar as noites dominando o novo sistema de {sp} a cores.

Em 1972, ele criou {k0} primeira obra de arte, Tape I, um estudo de {k0} própria reflexão {k0} um espelho. Isto, também, seria marca registrada Viola, fascinado pela capacidade simultânea da {sp} de ver e ser visto, mas também por {k0} própria imagem. O I no título da obra não era um número romano, mas um pronome pessoal.

Tape I e trabalhos como este foram o suficiente para chamar a atenção de Maria Gloria Biccocchi, cujo estúdio pioneiro {k0} Florença, ART/TAPES/22, fazia {sp}s para artistas do Arte Povera. Quando Viola assumiu um emprego lá {k0} 1974, ele se encontrou trabalhando ao lado de gigantes como Mario Merz e Jannis Kounellis. Em 1977, {k0} reputação no pequeno, mas crescente mundo da arte da {sp} o levou a ser convidado a mostrar seu trabalho na La Trobe University {k0} Melbourne, {k0} aceitação incentivada pela oferta de voos grátis da Pan Am de seu pai.

A convite veio de La Trobe's diretor de cultura, Kira Perov. O seguinte ano, Perov mudou-se para Nova York para estar com Viola, e eles se casaram {k0} 1978. Eles permaneceram na casa {k0} Long Beach, Califórnia, que se mudaram há três anos, pelo resto de suas vidas casadas. Em 1980-81, o casal passou 18 meses no Japão, Viola trabalhando simultaneamente como o primeiro artista-em-residência nos laboratórios Atsugi da Sony Corporation e estudando Zen Budismo.

Esta fusão do sagrado e profano tecnologicamente profano marcou o trabalho de Viola nas quatro décadas seguintes. Viola listou "tradições espirituais orientais e ocidentais, incluindo Zen Budismo, Islã Sufismo e Cristianismo místico" como influências {k0} {k0} arte, embora o último deles fosse o mais aparente. Na universidade, ele disse, ele "odiava" os mestres antigos, e a proximidade dos maiores deles {k0} Florença não mudou essa visão. Foi apenas com a morte de {k0} mãe {k0} 1991 que ele começou a sentir o peso da história da arte ocidental e a reconhecer {k0} seu próprio trabalho.

Depois de lutar com um bloqueio criativo desde os anos 80, ele encontrou que o luto de {k0} mãe o libertou. Filmou primeiro a mulher morrendo e então o seu corpo {k0} um caixão aberto. Este pé-de-filme seria usado {k0} uma obra de 54 minutos intitulada The Passing, e então novamente no ano seguinte no Triptych de Nantes, suas três telas mostrando simultaneamente uma mulher dando à luz, Viola's morrendo mãe e, entre eles, um homem submerso {k0} um tanque de água.

O primeiro dos dois filhos de Viola e Perov havia nascido {k0} 1988. Triptych de Nantes foi, ou parecia ser, uma meditação sobre o nascimento, a morte e a renascimento através do batismo. Se o assunto era tradicional, a forma de Viola também o era. Suas referências aos mestres antigos se tornariam mais diretas ainda. Em 1995, Viola foi escolhido para representar os EUA na Bienal de Veneza. Uma parte do trabalho que ele mostrou no pavilhão americano, Buried Secrets, tirou abertamente de uma pintura de Jacopo da Pontormo da visita da Virgem Maria à {k0} prima idosa, Elizabeth.

Não é surpreendente {k0} nossos tempos seculares, o assunto de Viola não foi universalmente popular. O mundo da arte estava particularmente dividido. Quando seus {sp}s foram exibidos entre a coleção permanente do National Gallery {k0} Londres {k0} uma exposição intitulada The Passions {k0} 2003, um crítico indignado o rotulou de "mestre do barulho exagerado, arte de grande orçamento, hocus-pocus de multidão, lágrimas e religiosidade".

A associação {k0} 2024 de seu trabalho com desenhos de Michelangelo da Royal Collection no Royal Academy despertou o comentário afiado do crítico do Guardian de que "a arte de Viola é tão do seu tempo que está morta na água".

Predictavelmente, ele foi mais popular com o público {k0} geral, uma pesquisa {k0} uma retrospectiva de Viola no Grand Palais {k0} Paris mostrando que os visitantes passaram uma média de duas horas e meia na exposição. Homens de igreja, também, foram conquistados por seu trabalho, particularmente aqueles da Igreja da Inglaterra. Em 1996, o artista foi convidado a fazer uma peça de {sp}, The Messenger, para a Catedral de Durham. Em 2014, a primeira parte de uma comissão de dois partes intitulada Martyrs e Mary foi instalada na Catedral de São Paulo, a segunda se juntando a ela dois anos depois. O projeto, graças aos conflitos eclesiais, levou uma década para ser concluído. "A igreja funciona de uma maneira um pouco lenta", observou Viola, com calma.

Esta calma e a religiosidade de seus temas podem ter levado os críticos a subestimar a rigidez de seu trabalho. Goste ou não de seu arte, ele era um mestre dele. Sua apreciação da promessa - e da ameaça - da tecnologia era profunda. Viola se desgostava da primitividade da {sp} antiga, vendo cada desenvolvimento na mídia como uma oportunidade a ser agarrada. Os retratos de close-up da série Passions, por exemplo, faziam uso da tecnologia de tela plana quase como ela foi inventada.

Por outro lado, a natureza binária do mundo moderno o incomodava. "A era dos computadores é uma época muito perigosa porque eles trabalham com 'sim' ou 'não', '1' ou '0'", se lamentou Viola. "Não há talvez, talvez ou ambos. E acho que isso está afetando nossa consciência." A disseminação da {sp} como forma de arte não foi como a propagação da pintura a óleo pelos irmãos Van Eyck 500 anos antes, disse Viola, a {sp} tendo aparecido {k0} todos os lugares e ao mesmo tempo. Fiel a essas crenças, Viola não via contradição {k0} tratar assuntos renascentistas e um sistema de crença renascentista com as últimas invenções da Sony.

"As duas estão realmente muito próximas", disse. "Eu vejo a era digital como a junção do material e o espiritual {k0} um todo ainda por ser determinado."

Em 2012, Viola foi diagnosticado com doença de Alzheimer precoce. Seu trabalho depois disso foi cada vez mais feito com a ajuda de Perov, um fato que lhe deu uma nova poesia aos temas de memória e perda que frequentemente corriam por ele.

Viola é sobrevivido por {k0} esposa e seus filhos, Blake e Andrei, e por seus irmãos, Andrea e Robert.

comentário do comentarista

Bill Viola: Um Artista Que Descobriu o Poder da Vídeo Arte

Em 1957, numa férias {k0} família, Bill Viola caiu {k0} um lago. Ele tinha seis anos. Sessenta anos depois, Viola, que morreu aos 73 anos, lembrou do evento. "Eu não segurei o meu ponto de flutuação quando entrei na água e fui diretamente para o fundo", disse. "Experimentei a sensação de flutuação e um sentido visual profundo que nunca esqueci. Foi como um sonho e azul e claro, e pensei que estava no céu, pois era a coisa mais bonita que eu já havia visto." E então... "meu tio me puxou para fora."

Parecia um começo promissor para uma carreira artística. No entanto, {k0} 1977, Viola começou uma série de cinco obras intitulada The Reflecting Pool. Quatro anos após se formar na universidade, este foi o primeiro trabalho multipartes de seu autor, cujos filmes o ocuparam por três anos. No filme título, um homem sem camisa - Viola - sai de um bosque, caminha {k0} direção a um lago, finge pular e congela no ar. A piscina registra {k0} entrada, não obstante, seu surface se agita como se perturbada; o homem voador desvanece-se lentamente; e, após sete minutos longos, Viola emerge, molhado, do lago e caminha de volta ao bosque. The Reflecting Pool foi influenciado pelo nearly-naufrágio de seu eu de seis anos. Também foi clássico Viola, com suas características mais notáveis - lentidão, água, um sentido espiritual sagrado - recorrendo {k0} seu trabalho dos próximos meio século.

Foi o brilho subaquático azul da tela de uma câmera de {sp} Sony Portapak, doada à {k0} escola

no Flushing, Nova York, que primeiro atraiu Viola para a mídia. Ele cresceu no subúrbio de classe média baixa vizinho de Queens. Não era, lembrou Viola, uma casa culta, mas {k0} mãe, Wynne (nascida Lee) "tinha alguma habilidade e me ensinou um pouco a desenhar, então, quando eu tinha três anos, eu podia fazer barcos motorizados bastante bons". Um ano antes de {k0} quase morte por afogamento, um desenho à mão de um tornado ganhou elogios públicos de {k0} professora. Foi então, disse Viola, que ele decidiu ser um artista.

Seu pai, um gerente de serviço da Pan Am transformado {k0} atendente de bordo, tinha outros planos. Temendo que uma educação artística deixasse seu filho desempregado, Viola sênior insistiu que ele estudasse para um diploma de artes liberais na Syracuse, uma universidade respeitada {k0} Nova York. "E, ao dizer isso", admitiu Viola, "ele me salvou."

Com sorte, a Syracuse, {k0} 1970, estava entre as primeiras universidades a promover a experimentação {k0} novos meios de comunicação. Um colega havia montado um estúdio onde os projetos poderiam ser feitos usando uma câmera de {sp}. Inscrevendo-se nele, Viola foi convertido instantaneamente: "Algo {k0} meu cérebro disse que faria isso toda a minha vida", lembrou. Ele passou o verão seguinte acertando o sistema de cabo de televisão da universidade, assumindo um emprego como zelador {k0} seu centro de tecnologia para que pudesse passar as noites dominando o novo sistema de {sp} a cores.

Em 1972, ele criou {k0} primeira obra de arte, Tape I, um estudo de {k0} própria reflexão {k0} um espelho. Isto, também, seria marca registrada Viola, fascinado pela capacidade simultânea da {sp} de ver e ser visto, mas também por {k0} própria imagem. O I no título da obra não era um número romano, mas um pronome pessoal.

Tape I e trabalhos como este foram o suficiente para chamar a atenção de Maria Gloria Biccocchi, cujo estúdio pioneiro {k0} Florença, ART/TAPES/22, fazia {sp}s para artistas do Arte Povera. Quando Viola assumiu um emprego lá {k0} 1974, ele se encontrou trabalhando ao lado de gigantes como Mario Merz e Jannis Kounellis. Em 1977, {k0} reputação no pequeno, mas crescente mundo da arte da {sp} o levou a ser convidado a mostrar seu trabalho na La Trobe University {k0} Melbourne, {k0} aceitação incentivada pela oferta de voos grátis da Pan Am de seu pai.

A convite veio de La Trobe's diretor de cultura, Kira Perov. O seguinte ano, Perov mudou-se para Nova York para estar com Viola, e eles se casaram {k0} 1978. Eles permaneceram na casa {k0} Long Beach, Califórnia, que se mudaram há três anos, pelo resto de suas vidas casadas. Em 1980-81, o casal passou 18 meses no Japão, Viola trabalhando simultaneamente como o primeiro artista-em-residência nos laboratórios Atsugi da Sony Corporation e estudando Zen Budismo.

Esta fusão do sagrado e profano tecnologicamente profano marcou o trabalho de Viola nas quatro décadas seguintes. Viola listou "tradições espirituais orientais e ocidentais, incluindo Zen Budismo, Islã Sufismo e Cristianismo místico" como influências {k0} {k0} arte, embora o último deles fosse o mais aparente. Na universidade, ele disse, ele "odiava" os mestres antigos, e a proximidade dos maiores deles {k0} Florença não mudou essa visão. Foi apenas com a morte de {k0} mãe {k0} 1991 que ele começou a sentir o peso da história da arte ocidental e a reconhecer {k0} seu próprio trabalho.

Depois de lutar com um bloqueio criativo desde os anos 80, ele encontrou que o luto de {k0} mãe o libertou. Filmou primeiro a mulher morrendo e então o seu corpo {k0} um caixão aberto. Este pé-de-filme seria usado {k0} uma obra de 54 minutos intitulada The Passing, e então novamente no ano seguinte no Triptych de Nantes, suas três telas mostrando simultaneamente uma mulher dando à luz, Viola's morrendo mãe e, entre eles, um homem submerso {k0} um tanque de água.

O primeiro dos dois filhos de Viola e Perov havia nascido {k0} 1988. Triptych de Nantes foi, ou parecia ser, uma meditação sobre o nascimento, a morte e a renascimento através do batismo. Se o assunto era tradicional, a forma de Viola também o era. Suas referências aos mestres antigos se tornariam mais diretas ainda. Em 1995, Viola foi escolhido para representar os EUA na Bienal de Veneza. Uma parte do trabalho que ele mostrou no pavilhão americano, Buried Secrets, tirou abertamente de uma pintura de Jacopo da Pontormo da visita da Virgem Maria à {k0} prima idosa, Elizabeth.

Não é surpreendente {k0} nossos tempos seculares, o assunto de Viola não foi universalmente popular. O mundo da arte estava particularmente dividido. Quando seus {sp}s foram exibidos entre a coleção permanente do National Gallery {k0} Londres {k0} uma exposição intitulada The Passions {k0} 2003, um crítico indignado o rotulou de "mestre do barulho exagerado, arte de grande orçamento, hocus-pocus de multidão, lágrimas e religiosidade".

A associação {k0} 2024 de seu trabalho com desenhos de Michelangelo da Royal Collection no Royal Academy despertou o comentário afiado do crítico do Guardian de que "a arte de Viola é tão do seu tempo que está morta na água".

Predictavelmente, ele foi mais popular com o público {k0} geral, uma pesquisa {k0} uma retrospectiva de Viola no Grand Palais {k0} Paris mostrando que os visitantes passaram uma média de duas horas e meia na exposição. Homens de igreja, também, foram conquistados por seu trabalho, particularmente aqueles da Igreja da Inglaterra. Em 1996, o artista foi convidado a fazer uma peça de {sp}, The Messenger, para a Catedral de Durham. Em 2014, a primeira parte de uma comissão de duas partes intitulada Martyrs e Mary foi instalada na Catedral de São Paulo, a segunda se juntando a ela dois anos depois. O projeto, graças aos conflitos eclesiais, levou uma década para ser concluído. "A igreja funciona de uma maneira um pouco lenta", observou Viola, com calma.

Esta calma e a religiosidade de seus temas podem ter levado os críticos a subestimar a rigidez de seu trabalho. Goste ou não de seu arte, ele era um mestre dele. Sua apreciação da promessa - e da ameaça - da tecnologia era profunda. Viola se desgostava da primitividade da {sp} antiga, vendo cada desenvolvimento na mídia como uma oportunidade a ser agarrada. Os retratos de close-up da série Passions, por exemplo, faziam uso da tecnologia de tela plana quase como ela foi inventada.

Por outro lado, a natureza binária do mundo moderno o incomodava. "A era dos computadores é uma época muito perigosa porque eles trabalham com 'sim' ou 'não', '1' ou '0'", se lamentou Viola. "Não há talvez, talvez ou ambos. E acho que isso está afetando nossa consciência." A disseminação da {sp} como forma de arte não foi como a propagação da pintura a óleo pelos irmãos Van Eyck 500 anos antes, disse Viola, a {sp} tendo aparecido {k0} todos os lugares e ao mesmo tempo. Fiel a essas crenças, Viola não via contradição {k0} tratar assuntos renascentistas e um sistema de crença renascentista com as últimas invenções da Sony.

"As duas estão realmente muito próximas", disse. "Eu vejo a era digital como a junção do material e o espiritual {k0} um todo ainda por ser determinado."

Em 2012, Viola foi diagnosticado com doença de Alzheimer precoce. Seu trabalho depois disso foi cada vez mais feito com a ajuda de Perov, um fato que lhe deu uma nova poesia aos temas de memória e perda que frequentemente corriam por ele.

Viola é sobrevivido por {k0} esposa e seus filhos, Blake e Andrei, e por seus irmãos, Andrea e Robert.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - Apostando no KTO

Data de lançamento de: 2024-08-19

Referências Bibliográficas:

1. [aplicativo galera bet](#)
2. [como criar um sistema de apostas](#)
3. [grupo telegram bet7k](#)
4. [botafogo coritiba palpites](#)